

REINO DE MENTIRAS - LIVRO 2

# UM REINO & TÃO

# VAZIO & CONDENADO

STACIA STARK

INSIDE  
BOOKS 



REINO DE MENTIRAS - LIVRO 2

UM  
REINO  
TÃO  
VAZIO &  
CONDENADO

STACIA STARK

São Paulo  
2026

**INSIDE**  
BOOKS 

*A Kingdom this Cursed and Empty*  
Copyright © 2025 by Stacia Stark  
Tradução © 2026 by Book One

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

---

<b>Coordenadora editorial</b>	<i>Francine C. Silva</i>
<b>Produtora editorial</b>	<i>Caroline David</i>
<b>Tradução</b>	<i>Livia Magalhães e Daniel Porcaro</i>
<b>Preparação</b>	<i>Wélida Muniz</i>
<b>Revisão</b>	<i>Vanessa Omura e Tainá Fabrin</i>
<b>Capa original</b>	<i>Moonpress, <a href="http://www.moonpress.co">www.moonpress.co</a></i>
<b>Adaptação de capa e diagramação</b>	<i>Renato Klisman   @rkeditorial</i>

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S796u	Stark, Stacia Um reino tão vazio & condenado [livro eletrônico]/ Stacia Stark ; tradução Livia Magalhães, Daniel Porcaro. — São Paulo : Inside Books, 2026. 368 p. (Coleção Reino de Mentiras ; vol 2)
-------	--

ISBN 978-65-85086-91-2 (e-book)

Título original: *A Kingdom This Cursed and Empty*

1. Ficção neozelandesa

I. Título II. Magalhães, Livia III. Porcaro, Daniel IV. Série

25-4347

CDD 823.92

E se nossos sonhos forem despedaçados ao longo do caminho, teremos que  
criar novos sonhos com o que sobrou.  
— Derry Girls



# REINOS CONHECIDOS





# 1



## A RAINHA

NINGUÉM NUNCA HAVIA DITO AO MEU MARIDO QUE ORGULHO EM excesso era perigoso.

Ninguém o avisou que aqueles prejudicados por ele um dia ganhariam força e iriam atrás de vingança.

E mesmo que tivessem, mesmo que o rei de Eprotha tivesse sido advertido por alguém próximo a ele...

Ele nunca teria escutado.

Sua arrogância seria sua ruína.

Pelo menos, essa era a minha maior esperança.

No momento, ele estava sentado em seu trono, com os olhos escuros entediados, as pernas esticadas e uma taça de vinho na mão. Ele passava a imagem de um governante relaxado e confiante.

Mas eu o observei na noite passada. Vi seu rosto ficar roxo de raiva enquanto ele entrava em meus aposentos.

Menos da metade dos guardas que ele havia levado para prender os corruptos seguia viva. Quando retornou, descobriu que a corte fora roubada em sua ausência. Até mesmo as pesadas joias do meu pescoço foram levadas.

Seu consultor favorito jazia morto no meio do nosso salão de baile.

A fúria de Sabium era *deliciosa*.

Agora, ninguém que o visse acreditaria que ele estava distraído com a fuga de mais de trezentos de seus corruptos; um golpe brutal que ainda mantinha a corte cochichando.

No momento, a maior parte da nossa corte circundava a sala do trono, desesperada para ver sangue ser derramado. Estavam acostumados a serem invulneráveis. Protegidos. E, em uma noite, os rebeldes estiveram com a vida deles nas mãos, enquanto a nobreza estava parada no tempo.

Mantive a expressão perfeitamente neutra, com um leve franzir de lábios comunicando a quantidade esperada de preocupação.

O rei me relanceou e imediatamente desviou o olhar.

— Como — disse ele calmamente — uma simples *menina* conseguiu se unir aos feéricos, esvaziar minha masmorra, furtar a minha corte e me roubar?

Homens. Tão previsíveis em sua insistência de reduzir mulheres a *meninas* na tentativa de nos menosprezar.

Ninguém se pronunciou.

Tymedes inclinou a cabeça, exibindo cabelos escuros entremeados de fios grisalhos. Como o encarregado da guarda do rei, ele seria responsável pelo êxito dos rebeldes, livrando Sabium de qualquer culpa.

— Ainda estamos investigando, Vossa Majestade.

O lábio de Sabium se contraiu, o único sinal de seu descontentamento.

— Discutiremos isso mais tarde.

Tymedes empalideceu e permitiu que o levassem embora.

Minhas aias seriam as próximas. Peguei o vinho e minha boca ficou seca de repente.

Com Setella... Prisca... não, *Nelayra* fugindo, junto com Madinia, aquela víbora de língua afiada, minhas aias agora eram apenas quatro. Quatro era um número azarado. Não tão azarado quanto cinco, mas certamente não...

— Kaliera — Sabium se dirigiu a mim, e levantei a cabeça. Minhas aias estavam diante de nós, com o rosto pálido, mas elegantes, como eu as havia treinado. Com sorte, os anos em que viveram nesta corte garantiriam que mantivessem essa postura.

— Não vejo por que você precisa fazer isso aqui — opinei. — Já falei com as minhas aias.

— Independentemente disso. — Sabium acenou com a mão, chamando-as para perto. — Todas vocês negaram saber qualquer coisa sobre os planos da corrupta. Mas qualquer detalhe pode ser importante, por menor que seja. — Ele lhes abriu um sorriso frio. — Tiveram algum indício de que a corrupta e o Príncipe Sanguinário se conheciam?

Pelopía, Alcandre e Caraceli balançaram a cabeça. Lisveth hesitou.

Sabium se inclinou para a frente.

— Fale.

— Bem, é que... Quero dizer, Vossa Majestade...

Meu coração disparou. Em seu estado de espírito atual, ele não hesitaria em mandar Lisveth para as masmorras se achasse que ela não estava lhe contando tudo. E havia muitas coisas que Lisveth havia notado em meu comportamento ao longo dos anos que saíam de seus lábios sob tortura.

Dei um sorriso encorajador para ela.

— Qualquer coisa que ache relevante — eu disse.

— No dia em que o Príncipe Sanguinário chegou, quando ele estava fingindo ser o príncipe *gromaliano*...

— Sim — insisti, curiosa.

— Foi o dia em que a senhora a tornou uma de suas aias. — Lisveth sorriu para mim, ganhando confiança.

Os nobres sussurraram ao se lembrarem de quanto acesso eu dera aos corruptos no palácio, e eu enrijei.

O sorriso de Lisveth vacilou quando ela olhou para eles. Seus ombros se curvaram, e ela se virou para encarar Sabium.

— Quando entramos na sala de jantar — disse ela sem rodeios —, Prisca parou de andar e Madinia tropeçou nela. Madinia resmungou algo para Prisca, mas ela estava olhando para a mesa do rei. Ela me disse que era porque estava nervosa, porque era a primeira vez dela vendo tantos nobres. Mas talvez...

Todos os meus músculos se retesaram ao mesmo tempo. O príncipe feérico estava envolto em encantamento. E a herdeira híbrida ainda assim o havia reconhecido.

— Continua — disse Sabium.

Lisveth se encolheu.

— Agora... eu me pergunto se, talvez, ela tenha reconhecido o Príncipe Sanguinário, Vossa Majestade.

Sabium sorriu.

O interrogatório continuou por horas. Minhas aias não estavam acostumadas a ficar em pé por longos períodos e, por fim, Alcandre ficou inquieta. Ordenei que trouxessem cadeiras para elas, ignorando o olhar fixo de Sabium.

— Bom — disse Sabium. — Muito bom. Vocês se saíram bem. Estão dispensadas.

Ele se levantou e ignorou as reverências profundas dos nobres ao sair da sala do trono. Fiquei exatamente onde estava.

Sabium provavelmente acreditava que ele era o único que tinha chegado a uma certa conclusão.

Ergui meu vinho, escondendo o sorriso.

O Príncipe Sanguinário estava envolto em encantamento feérico quando esteve neste castelo. Não apenas o encantamento que eles usavam para parecer humanos, mas o tipo que exigia sangue, que era impenetrável, exceto nas circunstâncias mais raras. E, no entanto, a herdeira híbrida tinha enxergado além daquele encantamento.

Ele sabia. Sem dúvidas, o Príncipe Sanguinário sabia exatamente o que isso significava. Mas era um homem cheio de segredos. De acordo com meus espiões, Prisca sequer sabia que ele era feérico. O que significava que ele ainda a estava mantendo no escuro.

Se ela fosse tão esperta quanto havia provado ser até então, se afastaria dele na primeira oportunidade.

\*\*\*

## O MENINO

*O CASTELO ESTAVA SILENCIOSO. ESSA FOI A PRIMEIRA COISA QUE ELE NOTOU.*

*Silencioso de uma forma que o castelo nunca ficava. E a pele do menino se arrepiou ao perceber que algo estava muito errado. Lentamente, como o gato da cozinha que havia observado mais cedo naquele dia, ele virou a cabeça.*

*Parintha dormia em sua cadeira, com o tricô no colo. O menino franziu a testa. Ela nunca conseguia dormir no escuro, e esse era um dos motivos pelos quais era responsável por manter o menino na cama à noite. Ela preferia descansar durante o dia e usava as horas tranquilas da noite para passar um tempo sozinha com seus pensamentos.*

*Mas agora estava perdida em sonhos, com a cabeça inclinada para trás e a boca ligeiramente aberta.*

*O tricô fez barulho ao cair no chão, e ela nem se mexeu.*

*O menino se sentou devagar, e seu tio entrou no quarto. Seus olhos reluziram quando ele relanceou o menino.*

*— Você deveria estar dormindo.*

*O menino não perdeu tempo se fazendo de bobo.*

*— O que você fez?*

*Pesar cintilou no rosto do tio, que engoliu em seco, respirou fundo e engoliu novamente.*

*— Eu sinto muito. Mais do que você pode imaginar.*

*O olhar do menino se voltou para o amuleto na mão do tio. E ele entendeu.*

\*\*\*

## PRISCA

— COMA.

Aquela palavra rosnada não era uma sugestão. De qualquer maneira, eu a ignorei, concentrando-me no horizonte. O navio balançou, e eu respirei fundo, reprimindo a vontade de vomitar. Eu só tinha que aguentar até atracarmos, então encontraria uma maneira de Telean e eu escaparmos.

Eu praticamente podia sentir Lorian se eriçando atrás de mim. Aquela estranha conexão ainda permanecia entre nós. Era uma percepção incomum que tornava impossível fugir de sua presença neste navio.

Cerrei as mãos. Eu encontraria uma maneira de pôr um fim a essa conexão na primeira oportunidade.

— Tudo bem — retrucou ele. — Morra de fome.

Ele se afastou, e eu o ignorei, mesmo com um aperto na garganta. Ele havia voltado à sua forma humana desde que deixamos os portões da cidade. Era pior vê-lo assim, como eu o conhecia antes daquela noite. Cheguei a questionar minha sanidade, embora soubesse exatamente o que tinha visto.

À minha direita, as velas balançavam e o mastro emitiu um rangido estranho. Senti o sangue se esvaír do meu rosto e meu peito se apertou enquanto suor gelado descia por minhas costas.

Forçando-me a recuperar o controle, eu me concentrei na respiração, inspirando profunda e constantemente até não sentir mais que estava sufocando.

Dei uma olhada na tripulação atrás de mim. Ninguém parecia preocupado.

Aqueles sons deviam ser normais.

E eu me recusava a passar pela humilhação de perguntar a alguém. Além disso, a maioria da tripulação que Lorian havia arranjado parecia ter pavor de mim.

É claro que eles tinham ouvido falar do que havia acontecido duas noites atrás, quando levamos os híbridos para um lugar seguro. Quando esvaziamos o calabouço do rei, roubamos seus nobres e eu deixei seu consultor sangrando no chão do salão de baile.

Ele havia merecido.

Eu provavelmente deveria sentir vergonha pela maneira desequilibrada com que havia me comportado. Algo dentro de mim se libertara, e eu havia me deleitado com o sangue e a dor dos meus inimigos.

Porém, tudo o que sentia era um orgulho atenuado e o desejo de fazer o restante dos meus inimigos pagarem.

Um dos tripulantes estava sussurrando alto o suficiente para que eu pudesse ouvir o nome de Lorian. Estavam admirados com o príncipe feérico. Enquanto isso, eu mal conseguia olhar para ele.

Em troca da ajuda de Lorian naquela noite, eu havia roubado o amuleto de que ele tanto precisava. Eu não tinha entendido exatamente por que ele precisava daquele amuleto, apenas sabia que ele o desejava com um desespero que eu nunca o vira sentir.

Nosso acordo dependia de eu entregar esse amuleto a ele. Era a única maneira de os híbridos permanecerem vivos. Então, atravessei furiosamente a cidade junto a Madinia, com meu poder já esgotado e meu corpo quase inútil. Então, quando joguei o amuleto para Lorian, achei que aquele seria meu último suspiro. Pensei que as centenas de flechas apontadas para mim perfurariam minha carne.

Em vez disso, Lorian se desfez de seu encantamento humano e massacrou metade dos homens do rei.

Feérico. Ele era feérico.

E não um feérico qualquer.

Eles o chamavam de Príncipe Sanguinário.

No passado, ele havia devastado uma cidade chamada Crawyth, perto da fronteira das terras feéricas. Era um dos poucos refúgios para os híbridos. Eu tinha apenas alguns invernos de idade quando vivi lá com Demos e nossos pais.

Na noite em que fui roubada daquela família, o Príncipe Sanguinário transformou a cidade em escombros.

De acordo com Demos, havia pouca chance de a minha mãe ter sobrevivido. Ela estava muito perturbada com o meu sequestro e não usou seu poder para se proteger quando voltou para nossa casa.

Demos não voltou a ver o meu pai depois daquela noite. Ele cresceu como rebelde e passou dois anos nas masmorras do rei. Seus amigos foram massacrados.

Mais náusea percorreu meu estômago, e apertei as mãos na amurada à minha frente. As palavras de Lorian soaram na minha cabeça:

“*Eu sei que você consegue. Porque eu te treinei para conseguir. Mas isso não significa que não vou esperar com o estômago revirado até ter certeza de que você ainda está respirando.*”

Eu pensei que ele... se importava. Pensei que tivéssemos algo. Naquela noite, quando galopei pelas ruas da cidade, não estava apenas fugindo rumo aos meus amigos e à minha família.

Eu estava indo até *ele*.

Peguei esse pensamento e ateei fogo nele. O homem que eu acreditava ter conhecido era uma mentira. Desde que havia me arrastado para este navio, Lorian não tinha se preocupado em me explicar nada. Nem mesmo tentado me dizer *o porquê*. Não. Em vez disso, ele andava de um lado para o outro, rosnava para o capitão, instruía os marinheiros híbridos a nos fazer ir mais rápido e, de vez em quando, olhava para mim.

Eu sempre respondia com uma careta, com meu coração se rasgando um pouco mais a cada vez.

Forçando-o a sair da minha mente, me concentrei nos outros.

Eu sentia saudade de Rythos. Da última vez que o vi, ele estava ainda mais alto, com as orelhas pontudas. Mas seus olhos... seus olhos eram os mesmos. Suaves e gentis.

— Ainda sou eu, querida — dissera. Mas quando se aproximou, eu recuei.

Não era minha intenção, mas ele era muito *grande*. Seus olhos estavam... brilhando. E aquelas orelhas...

Galon me lançou um olhar decepcionado que fez doer o meu coração. Enquanto Rythos se afastava, pude perceber um brilho de mágoa em seus olhos.

Meu estômago se revirou mais um pouco, e eu me inclinei ainda mais sobre a amurada.

Sentia ainda mais saudade dos meus irmãos. Eu queria abraçar o Tibris. Ansiava por recuperar parte do tempo que fora roubado de mim e de Demos. Precisava chorar pela mãe de Asinia com ela. Mas o acordo que eu

havia feito com Lorian era claro. Eu havia concordado em ir com ele para as terras feéricas em troca de ele salvar a vida de Demos.

Lorian não era humano. Sua bússola moral estava quebrada. Não me surpreenderia se ele tivesse permitido que aquela flecha perfurasse o peito de Demos só para ter uma maneira de me fazer negociar com ele mais uma vez.

Quando concordei, pensei que viajaríamos todos juntos. Mas Lorian logo extinguiu essa possibilidade.

Rythos, Galon e os outros feéricos viajariam em grupos com Demos, Tibris, Asinia e qualquer outra pessoa que estivesse buscando refúgio nas terras feéricas. Nenhum dos meus irmãos havia ficado feliz com a separação dos híbridos, mas não tiveram escolha.

Alguns dos híbridos se dispersariam. Agora que Lorian e os outros haviam lhes dado as marcas azuis que os declaravam humanos com mais de vinte e cinco invernos, eles tinham mais chances. Muitos deles ainda tinham família que esperavam encontrar. Mas a maioria parecia disposta a se separar em grupos, alguns seriam liderados por Rythos, Galon, Cavis e Marth, e outros seguiriam os híbridos mais fortes. Muitas pessoas viajando juntas poderia chamar atenção, e se havia uma coisa que os feéricos sabiam, era como se esgueirar por debaixo do nariz de Sabium.

Lorian tinha me levado direto para o cais. Ao que parecia, viajar pela costa era a opção mais segura, pois ele gastou em subornos o suficiente para pagar o resgate de um rei, e matou aqueles cujo silêncio não podia ser comprado. Seu curandeiro passava a maior parte do tempo nas cabines abaixo de nós. Logo quando eu consegui me convencer de que Lorian não tinha coração, ele ordenou que o homem cuidasse dos híbridos que estavam doentes demais para fazer a viagem a pé.

Assim que chegássemos às terras feéricas, eles ficariam melhores. Teriam ar fresco. Comida de qualidade. Luz solar. Eu me certificaria disso.

Um perfume de rosas se misturou com o ar salgado. Era Telean. Ela se aproximou, apoiando-se na amurada ao meu lado.

— Por que você não experimenta um pouco de sopa? — perguntou.

Eu quase vomitei e senti minha cabeça girar.

Telean colocou um braço em volta dos meus ombros. Ela era a única que Lorian havia permitido que viajasse conosco. Como ela tinha visto minha mãe usar a magia do tempo, Lorian esperava que ela também pudesse me ensinar o que eu precisava saber.

— Seu pai também era assim — disse ela. — Quando cruzamos o Mar Adormecido, ele ficou péssimo. Também recusou a ajuda do curandeiro, insistindo que eles cuidassem dos feridos. — Ela me cutucou e ergueu a sobrancelha, minha boca tremeu.

Absorvi a história como a terra absorve água depois da seca.

— Por que não me contou... que eu era a herdeira? — Mantive a voz baixa. O vento jogou o cabelo em meu rosto, e eu o coloquei atrás da orelha.

Telean respirou fundo, claramente apreciando o ar salgado do oceano.

— Eu planejava te contar.

— Quando?

— Assim que os híbridos estivessem livres. Assim que não houvesse mais vidas dependendo de você. Acho que não entendeu o golpe que deu no rei, Prisca. Eu queria que você pudesse desfrutar da sua vitória por alguns dias, mas seus irmãos linguarudos deixaram que os feéricos soubessem quem você era. — Telean me deu um leve sorriso.

Suspirei. Eu podia imaginar Tibris e Demos discutindo o assunto em alto e bom som.

— De acordo com Lorian, o rei feérico já sabia.

— Sim. — Ela suspirou. — De uma forma ou de outra, você acabaria indo para as terras feéricas em algum momento.

— Por quê?

— Porque antes... antes de nos abandonarem para morrer... os feéricos eram nossos aliados.

Eu havia passado tempo suficiente com Rythos e os outros para aceitar que os feéricos não eram necessariamente nossos inimigos. Pelo menos, não individualmente. Mas era difícil imaginá-los como aliados.

— E você torce para que eles possam ser nossos aliados novamente?

— Seu povo merece um lar.

Ignorei a parte do “seu povo”. Eu tinha um primo. Um que eu tinha visto nos portões da cidade logo que cheguei. Eu sabia que ele tinha magia do tempo, pois não havia congelado como os outros.

Isso significava que ele poderia governar.

Minha tia suspirou.

— Nelayra.

Curvei os ombros, tanto por causa do nome quanto da náusea que me invadiu.

— O que te faz pensar que eu seria uma boa rainha?

— Mesmo antes de saber que eles eram o *seu* povo, você lutava por eles. Tirou trezentos deles da masmorra do rei.

Mas havia mais. Muitos mais. E agora, o rei sabia que eu estava viva. Viva e com os feéricos.

— Regner travará uma guerra como ninguém jamais viu — disse Telean baixinho. — Sei que você odeia o Lorian por ter mentido, mas, quando chegar às terras feéricas, não deveria mais vê-lo como o homem que você...

— Cuidado com o que vai falar — rosnei. Ela me cutucou com o cotovelo novamente, despreocupada.

— Você precisa ver ele e o irmão como aliados em potencial. Como esperança para o seu povo.

— Eu não sei como ser uma rainha.

E essa era a última coisa que eu queria. O que eu *queria* era ajudar os híbridos a sobreviver e depois encontrar uma aldeia tranquila em algum lugar onde ninguém me conhecesse, e viver. Uma vida normal.

— Não é uma sorte o Príncipe Sanguinário ter me permitido entrar neste navio? — A mão de Telean encontrou a minha na grade. — Acontece que eu estive ao lado de sua mãe durante anos enquanto sua avó governava. E vi como sua mãe liderou o povo dela em Crawyth. Vou te ensinar o que sei, mas, quando chegarmos às terras feéricas, tudo dependerá de você.

## 2



### LORIAN

*Prezado L,*

*Seis dias e nenhuma notícia. Presumo que você esteja... infeliz por eu ter optado por não revelar que sua namorada era a herdeira híbrida.*

*E ela é sua namorada, não é? Ou, pelo menos, era. Imagino que uma aldeã, criada para odiar nossa espécie, não reagiria bem à sua mentira.*

*Também estou presumindo que ela esteja presa ao seu lado por enquanto. Afinal de contas, você insistiu tanto que ela iria embora com você...*

*E, por mais que eu tenha certeza de que você já tenha previsto meu interesse nesse assunto, deixe-me ser claro: preciso falar com a herdeira híbrida. Traga-a para o nosso reino.*

*Seu irmão agradecido,*

*C*

\*\*\*

*Prezado C,*

*Tenho certeza de que você vai bem. Já eu estou nas águas de Eprotha, em um navio mercante, que é um bom disfarce por sinal. Com certeza passará na inspeção caso a frota de Regner venha em nossa direção.*

*Como você imaginou, a Prisca está comigo. A herdeira híbrida. Embora eu não saiba exatamente por que você fez questão de que eu fosse uma das últimas pessoas a saber dessa informação.*

*Regner a caçará até morrer. Então, sim, eu a levarei para o nosso reino. Neste exato momento, ela não tem absolutamente nenhum outro lugar para onde ir.*

— L

\*\*\*

ENROLEI A MENSAGEM E A PRENDI NA PERNA DO FALCÃO. EU JÁ HAVIA me comunicado com Galon e os demais, mas a mensagem de Conreth só piorou meu humor.

Queria abandonar o navio.

Prisca mal havia me dirigido a palavra desde que percebeu quem, e o que, eu era. Mas eu a conhecia. Sua fúria era selvagem e implacável, mesmo que ela a mascarasse na frente dos outros no navio.

Se ela achasse que poderia se safar, me mataria em um piscar de olhos.

Esse pensamento não deveria me deixar excitado.

Eu conseguia lidar com sua fúria. Nada queimava com mais intensidade do que nós dois, enredados naquela disputa de poder. Mas foi a angústia que eu percebia em seu rosto, quando ela achava que eu não estava olhando, que me atacou com garras ferozes.

Seria muito fácil entregar a Prisca ao meu irmão, logo depois que eu lhe desse o soco na cara que ele merecia. Então eu poderia voltar à vida para a qual fui criado.

Abrindo meu caminho com sangue através deste continente.

Mas a ideia fez minhas entranhas se contraírem. Deixou minha boca seca. A gata selvagem era minha, e eu a protegeria até que ela chegasse a essa mesma conclusão.

Portanto, eu lhe daria o tempo de que precisasse, o que fosse suficiente para entender que seu lugar era ao meu lado.

Mesmo se Prisca não tivesse me odiado imediatamente no momento em que soube quem eu era, acabaria me odiando quando soubesse o tipo de coisas que eu tinha feito em nome do meu irmão.

As manchas de sangue em minhas mãos nunca seriam limpas.

Pensar em todo aquele sangue não me incomodava há anos. Até que conheci Prisca e algo dentro de mim, algo que eu achava que estava morto, foi voltando à vida.

Um dos marinheiros tropeçou, e seus olhos se arregalaram quando ele me encarou. Pequenas faíscas se espalharam pela minha pele, e eu tive certeza

de que meus olhos estavam brilhando por causa do poder que eu reprimia. A magia elementar ocasionalmente vazava de dentro de mim, e, embora eu tivesse uma leve afinidade com o fogo, o vento e a água quando criança, era o relâmpago que escapava quando eu não estava concentrado.

Eu nunca havia precisado suprimir esse poder tanto quanto agora. No momento em que toquei naquele amuleto, no momento em que o rasguei com meu poder e libertei o que ele continha...

Eu já não precisava recorrer às profundezas para acessar meu poder, e tampouco ficava mais fraco ao me afastar das nossas terras. Mas, pelo menos a curto prazo, precisaria aprender a controlá-lo.

Infelizmente, quanto mais eu pensava na pequena gata selvagem, mais difícil ficava manter meu poder bem guardado dentro de mim, onde ele devia permanecer.

Eu me afastei da tripulação, atravessei o convés inferior e fui até a cozinha, onde encontrei o curandeiro fazendo um tipo de cataplasma. Seus olhos se encontraram com os meus, e a linha profunda entre suas sobrancelhas deixou claro que ele ainda guardava rancor.

Eu não podia culpá-lo pelo tom amargo das palavras que saíam de sua boca fina. Esse era o mesmo curandeiro que eu havia ameaçado com uma morte excruciante quando Prisca foi envenenada.

O curandeiro com certeza não tinha ficado satisfeito ao saber que viria conosco, mas o que aconteceria se Regner descobrisse exatamente como ele havia salvado a vida da herdeira híbrida? O que o rei humano faria com o curandeiro reviraria até os estômagos mais fortes.

Nosso olhar se cruzou.

— Tente fazer com que ela coma alguma coisa.

Não precisei especificar a quem me referia. Virando-me, caminhei de volta para a porta.

— Ela não consegue — murmurou o curandeiro atrás de mim. — Ela vomita tudo o que come.

Dei meia-volta. O curandeiro me olhou nos olhos e deu de ombros.

— A rainha ainda não conseguiu firmar as pernas sobre o mar.

Se Prisca soubesse que as pessoas já estavam se referindo a ela como rainha, talvez pulasse do navio.

— Dê um jeito nisso.

— Eu tentei, mas ela insistiu que eu mantivesse minha atenção nos híbridos feridos.

Algo parecido com respeito tentou cintilar em seu rosto.

Prisca agia como uma rainha nata a cada oportunidade, embora não enxergasse isso.

Ela recusaria qualquer coisa que eu lhe oferecesse, então ponderei minhas opções.

— Prepare o que ela precisa — exigi. — Encontrarei uma maneira de fazê-la comer.

Eu a amarraria e apertaria seu nariz se fosse necessário.

Ao sair da cabine, encontrei Telean de pé no convés, com o olhar fixo em Prisca, que mais uma vez estava com as mãos agarradas à amurada enquanto encarava o horizonte.

Considerava sua recusa em comer uma mera teimosia.

Meus músculos se acalmaram, meu peito ficou mais leve e meu maxilar finalmente relaxou.

— O curandeiro está preparando um remédio contra náusea para ela — disse a Telean.

— Ela não vai tomar.

Eu simplesmente ergui a sobrancelha. Tudo dependia de Prisca deixar a teimosia de lado.

— Você vai conseguir convencê-la. Os híbridos estão se recuperando, e o curandeiro tem mais poder do que o necessário para tratar o enjoo de Prisca.

— Estou ouvindo vocês — disse Prisca. — E não quero passar o resto da viagem rezando para o meu sofrimento acabar. Se garantir que o curandeiro terá energia suficiente caso os híbridos precisem dele...

Senti-me satisfeito.

— Te dou a minha palavra.

De alguma forma, o rosto de Prisca ficou ainda mais branco, e ela soltou algo entre uma bufada e uma risada ao passar por mim.

Meu estômago se apertou quando a vi partir.

— É interessante que você tenha me deixado entrar neste navio — comentou a senhora atrás de mim. — A única pessoa que poderia instruir Prisca a ponto de deixá-la pronta para negociar com o seu irmão.

— Não me importo com o que você acha interessante.

Sua bufada era idêntica à de Prisca, e eu rosnei antes de seguir a gata selvagem. Ela foi direto para a cozinha, pegou o frasco que o curandeiro ofereceu e o engoliu. Levaria algumas horas para ela sentir o efeito, mas

meu peito se tranquilizou quando um pouco da cor que ela havia perdido voltou ao seu rosto.

Prisca se desviou de mim ao voltar para a porta. Pegando seu pulso, eu a conduzi até a minha cabine. Por incrível que pareça, ela não resistiu, embora tenha puxado a mão no momento em que fechei a porta atrás de nós.

— O que você quer? — perguntou.

— Por que *você* não me diz o que quer, gata selvagem? — As palavras saíram antes que eu percebesse que as havia dito. Ela piscou.

— O que você quer dizer com isso?

Uma fúria estranha ardeu em meu peito.

— É uma pergunta simples. Que merda você quer?

Sua expressão se transformou em uma máscara fria, mas os olhos brilhavam dourados.

— Quero ir para o acampamento dos híbridos. Quero ver a minha melhor amiga, aquela que eu pensei que fosse morrer. Quero ver meus irmãos, inclusive o que quase morreu bem na minha frente. Quero fazer planos com o Demos, que deveria ter tanto poder de decisão no reino quanto eu. E quero abraçar o Rythos e pedir desculpas. Não quero ficar neste navio nem mais um minuto.

Ela estava ofegante quando terminou, com o rosto corado e a expressão vagamente chocada.

Não era muito diferente da aparência dela na primeira vez que a penetrei. Não consegui conter o sorriso.

Prisca ficou imóvel, olhando para mim como se eu fosse uma cobra prestes a dar o bote. Sentia falta da maneira como ela costumava me olhar. Eu podia tê-la perdido, mas talvez conseguiria fazer com que ela confiasse em mim daquela forma novamente.

Ela franziu a testa.

— O que quer que esteja pensando...

— Vou continuar pensando.

Meu sorriso diminuiu, e eu a observei.

Eu ansiava por lhe dar o que tanto queria.

Embora eu não tivesse problemas em dizer *não* quando sua segurança estava em risco, meu instinto com ela era sempre dizer *sim*. Para ver seus olhos brilharem. Para fazê-la sorrir. E se ela soubesse quão perto estava de

ter o Príncipe Sanguinário na palma da mão, provavelmente riria até ficar sem fôlego.

Fiquei em silêncio por tempo demais. Prisca franziu a boca e passou por mim, escapando pela porta.

\*\*\*

## PRISCA

— QUANTOS TERRITÓRIOS EXISTEM NAS TERRAS FEÉRICAS? — Telean insistiu durante o almoço uma semana depois.

— Cinco — respondi. Agora que eu não estava mais me debruçando continuamente sobre a lateral do navio, havia passado os últimos dias comendo e aprendendo. Era evidente que havia grandes lacunas em minha educação. O tipo de lacuna que me deixava envergonhada pelo pouco que eu sabia.

Eu era uma aldeã que mal sabia ler e escrever, e que agora precisava entender tudo sobre os governantes deste continente, e sobre o que eles tinham em jogo.

Infelizmente, a maioria dos humanos nunca acreditaria na verdade. O rei de Eprotha, Sabium, tinha mais de quatrocentos invernos. Seu nome verdadeiro era Regner, o homem conhecido como o ancestral de Sabium. Regner havia usado magia roubada para permanecer vivo esse tempo todo, fingindo a própria morte e tomando a coroa repetidas vezes sempre que matava secretamente os humanos que fingia serem seus filhos.

— Quem são os feéricos superiores que governam esses territórios?

Mergulhei um pedaço de pão no ensopado. Nunca imaginei que apreciaria tanto o simples ato de comer até entrar neste navio.

— Romydan, Thorn, Caliar, Sylvielle e Verdion.

Os feéricos não usavam sobrenomes.

— E quem governa esses territórios?

Engoli em seco.

— Conreth. — O irmão de Lorian. E nossa única esperança real de aliança neste momento.

— E sua esposa?

— Emara.

— Bom.

Eu estava começando a pensar com clareza mais uma vez. E com essa clareza veio uma boa dose de medo. Meus amigos e minha família estavam viajando para as terras feéricas, mas eu não tinha dúvidas de que Regner havia enviado seus guardas de ferro para caçá-los.

Graças à minha tia, eu sabia tudo sobre os guardas de ferro.

Um exército composto por quinhentos dos soldados mais cruéis do rei. Homens leais, os guardas de ferro eram escolhidos ao nascer e enviados para uma academia na qual eles perdiam qualquer centelha de compaixão ou humanidade. Eram assassinos sem alma moldados para situações como esta.

Lorian havia dito que milhares de híbridos já estavam vivendo em um acampamento dentro das fronteiras feéricas, mas essa não era uma solução de longo prazo. Os híbridos mereciam um lar.

— Você está distraída — observou Telean.

— Sabe onde estão os híbridos do castelo?

Eu não conseguiria me concentrar até saber que todos estavam tão seguros quanto possível, mesmo que isso significasse deixá-los nas terras feéricas.

A pausa de Telean foi a única indicação de que ela estava surpresa com a mudança de assunto. Mas minha tia era uma excelente espiã. Ela passava a maior parte do tempo sentada em pontos específicos do navio, com os olhos fechados e o rosto voltado para o sol, como se estivesse cochilando. Eu não tinha dúvidas de que ela cochilava ocasionalmente, mas, na maioria das vezes, estava ouvindo aqueles que eram tolos o suficiente para falar em sua presença.

— Rythos e Galon levaram seus grupos para o leste, através de Eprotha, em direção à floresta. Eles cruzarão para as terras feéricas perto de Crawyth.

— E os outros? — perguntei.

— Marth e Cavis estão trazendo seus grupos através da Gromalia. Os outros grupos se separaram e debandaram em momentos diversos.

Assim, se um grupo fosse capturado e morto, havia uma chance de que alguns dos outros conseguissem escapar. Minhas mãos se fecharam e me forcei a me concentrar. Eu tinha tido um mero vislumbre dos grupos antes de Lorian me levar para longe dos portões da cidade. Mas era para eu estar lá. Eu deveria estar com eles agora.

— Onde estão meus irmãos? E Vicer e Asinia?

Ela estendeu a mão e apertou a minha.

— Com Marth.

— Na Gromalia.

Não tão perigosa quanto Eprotha, mas certamente não era segura. Especialmente depois de Lorian ter fingido ser o príncipe gromaliano por tanto tempo.

— Sim. O Príncipe Sanguinário tem contatos no reino. Contatos feéricos.

— Você é o maior alvo — disse Telean. — E o Príncipe Sanguinário te levou pelo mar, algo que Regner não esperava.

Eu estava começando a odiar o fato de Telean chamar Lorian de Príncipe Sanguinário. Mas eu não conseguia entender o motivo. Talvez fosse apenas pela ideia de como o futuro poderia ter sido, caso Lorian e eu fôssemos pessoas diferentes.

— Precisamos de aliados — eu disse.

— Sim.

Mordi meu lábio inferior.

— E se os feéricos recusarem?

— Eles querem Regner morto tanto quanto nós. Sem você, não teriam o amuleto de volta.

Não, Lorian havia confiado na minha ignorância para consegui-lo. O amargor era um gosto com o qual eu estava começando a me acostumar.

— Como o amuleto funciona?

Ela deu de ombros.

— Essa é uma pergunta para o príncipe.

Balancei a cabeça, sabendo que ele não me contaria.

Comemos em silêncio por alguns minutos, até que me forcei a parar de pensar em Lorian.

— Falei com Margie assim que cheguei a Lesdryn. Ela disse que os deuses queriam saber qual reino sobreviveria a uma guerra. Foi por isso que eles começaram tudo isso.

Minha tia assentiu.

— Eles deram a cada governante um artefato.

A voz de Margie ecoou na minha cabeça.

*Faric, deus do conhecimento, deu um artefato aos humanos. Tronin, deus da força, deu três artefatos aos feéricos. E Bretis, deus da proteção, ficou relutantemente intrigado com o reino híbrido a oeste. O povo que, de alguma forma, havia prosperado, mesmo depois de se separar dos feéricos.*

*Bretis doou algo que tinha tanto poder que Tronin e Faric logo ficaram com inveja.*

— Nelayra?

Cruzei olhares com a minha tia. Ela me encarava com aquela expressão cheia de expectativa, e também paciente, que sempre surtia efeito. Eu desviei o olhar.

— Apenas um reino humano foi escolhido. Por quê?

Ela deu de ombros.

— Aos olhos dos deuses, é provável que todos sejam considerados um só povo.

Franzi a testa, guardando a informação para analisar mais tarde.

— O que foi dado aos feéricos?

Telean sorriu, e eu revirei os olhos com a minha estupidez.

— Amuletos — murmurei. — Eles receberam os amuletos, e é por isso que Lorian não matou o rei. Ele precisa dos outros dois.

— Sim.

— E os híbridos?

— Nosso presente foi dado por Bretis, o deus da proteção. Pelo menos, de acordo com o mito.

— O que era?

— Uma ampulheta.

— Para representar nossa magia do tempo.

Meu coração disparou quando pensei nisso. Ela assentiu.

— E para que seus ancestrais manejassem esse poder mais facilmente na hora de proteger o reino. Usar seu poder não será sempre tão difícil quanto é agora. Quando encontrar aquela ampulheta, você será uma verdadeira força no campo de batalha.

Os olhos da minha tia se iluminaram como fogo negro.

Usar meu poder sempre me esgotava. Às vezes, era tudo tão intenso que meu nariz sangrava até eu ficar tonta. Se a ampulheta ajudasse, talvez eu realmente conseguisse ajudar os híbridos a sobreviver.

— Como ela funciona?

— Permite que sua manipulação do tempo dure mais. Que seu poder seja puxado de forma mais natural, em vez de extraído das profundezas do seu ser. E os outros poderes são apenas lendas, que aparentemente dependem de quem é o governante.

Minha mente me levou de volta a Demos, sangrando no chão, e um calafrio me percorreu. Eu tinha chegado tão, tão perto de perdê-lo.

— A ampulheta me permitiria voltar no tempo?

O rosto de Telean perdeu a cor.

— Me escute com bastante atenção, Nelayra. Você nunca deve tentar fazer isso. Isso te mataria. O mundo precisa ter equilíbrio.

Abri a boca, e ela ergueu uma das mãos.

— Se, de alguma forma, você sobrevivesse a isso, as Fiadeiras do Destino exigiriam um sacrifício semelhante. Um sacrifício que te assombraria.

Telean ainda me observava, com os olhos estreitados, então assenti. Se as Fiadeiras do Destino realmente brincavam conosco dessa forma, já haviam se interessado por mim o bastante, e eu não queria chamar mais atenção.

Se eu conseguisse encontrar a ampulheta, poderia treinar com ela até conseguir congelar o tempo no campo de batalha. E, se conseguíssemos atrair Regner para alguma armadilha, eu poderia usar a ampulheta para matá-lo.

Eu tinha que encontrá-lo.

Comemos em silêncio por um longo momento. Telean me observava, claramente ciente de que eu estava criando coragem para abordar o assunto. Eu não deveria perguntar. Mas não consegui me conter.

Por fim, suspirei.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro que sim.

— Em Crawyth, na noite em que meus pais morreram, quando fui levada, o Príncipe Sanguinário...

Telean me observava. Eu tinha a sensação de que ela estava vendo a pequena centelha de esperança que tremulava dentro do meu peito.

— Você quer saber se eu o vi.

Assenti.

— Eu não precisei, Nelayra — disse ela gentilmente. — Outros o viram depois que o ataque terminou.

A parte de trás de meus olhos queimaram, mas aquela faísca estúpida se recusava a se apagar.

— Em breve entraremos em águas gromalianas. — Telean me lançou um olhar de simpatia e mudou de assunto. — Diga-me o nome do rei gromaliano.

— Eryndan — murmurei. — Seu filho é o príncipe Rekja. — O homem que Lorian havia personificado por semanas.

Minha nuca se arrepiou, e eu olhei por cima do ombro. Lorian entrava na cabine.

Ele podia até estar usando seu encantamento humano, mas havia deixado de tentar esconder o que era. Quando se movia, era com uma velocidade que fazia meu coração vibrar. E quando estava em repouso, ficava estranhamente imóvel.

Levantei-me devagar. Seu rosto estava inexpressivo... mas os olhos ardiam de fúria.

Minha garganta ficou apertada.

— Fala — eu disse baixinho.

— Houve um ataque.

— O que aconteceu?

— O rei enviou seus guardas de ferro atrás dos híbridos.

Um buraco se abriu dentro de mim. Era para eu estar lá. Eu sabia que precisava estar lá. Poderia ter usado meu poder. Poderia ter dado uma vantagem ao nosso povo.

— Quem? — Foi tudo o que consegui perguntar.

Lorian respirou fundo.

— Oito guardas de ferro encontraram o grupo de Rythos. Sua amiga que manipula o fogo estava com eles.

— Madinia.

Ele acenou com a cabeça.

— Os guardas sabiam com quem estavam lidando. Eles se ensurdeceram temporariamente para ficarem imunes ao poder de Rythos. Os híbridos ainda estão enfraquecidos.

Dedos invisíveis apertaram minha garganta até eu mal conseguir respirar. Os híbridos não estavam acostumados a usar seus poderes, e provavelmente foram mais um problema do que uma ajuda para Rythos.

— Quatro dos híbridos morreram.

Meu estômago revirou, e não consegui engolir o nó na minha garganta ao pensar naquela injustiça. Aqueles híbridos haviam conquistado sua liberdade, mas morreram no caminho até suas novas vidas.

— Rythos protegeu um com o próprio corpo. — Os olhos de Lorian se tornaram duros como pedra, e eu sabia que Rythos seria o alvo da ira de Lorian por causa daquela escolha. — Ele foi ferido.

Meu coração errou uma batida.

— É muito grave?

— Você realmente se importa? — Suas palavras saíram sem emoção, mas eu percebi a nuance de acusação por trás delas.

Eu o encarei.

— Claro que sim.

Sua boca se contorceu, e o olhar se fixou no meu. Eu sabia no que ele estava pensando: que eu só tinha me importado com Rythos até me deparar com o fato de ele ser feérico, e então não havia deixado que ele sequer me tocasse.

Lorian obviamente também tinha visto isso acontecer.

Meu lábio inferior tremeu, e eu o contive. Não deixaria que ele me visse chorar. Os olhos de Lorian desceram até a minha boca, e eu desviei os meus.

Telean limpou a garganta.

— Cuidado com a maneira como você se dirige à rainha.

Curvei os ombros. Algo parecido com diversão cintilou nos olhos de Lorian. E, um momento depois, desapareceu.

— Rythos viverá. — Foi tudo o que ele disse. — O seu dragão transformou três dos guardas de ferro em cinzas. Os outros híbridos se uniram e Rythos eliminou os guardas de ferro restantes com sua espada.

— Dragão?

— Os feéricos acreditam que aqueles com magia de fogo excepcionalmente forte são descendentes dos dragões.

Madinia certamente tinha o temperamento de um. Guardei essa informação e voltei a atenção para Lorian.

— Eu poderia ter salvado algumas vidas se estivesse lá.

— E isso prova que você está no lugar certo.

— Quatro pessoas estão mortas. Quatro híbridos.

Ele se aproximou um pouco mais, com uma expressão sombria.

— O que você acha que os guardas de ferro farão com você se te encontrarem?

Virei-me, e Telean pegou minha mão, ignorando Lorian.

— Seu povo não precisa de outro soldado, Nelayra. Eles precisam de uma rainha.

Abri a boca, com palavras afiadas já na ponta da língua.

— Temos companhia — informou um marinheiro do lado de fora do refeitório.

— Os gromalianos — disse Lorian.

Meus joelhos tremeram, mas tentei sorrir.

— Já que você fingiu ser o príncipe deles por tanto tempo, imagino que *realmente* queiram falar com você — ronronei. — Que tal você ir amansar essas feras enquanto eu sigo viagem?

Lorian simplesmente olhou para mim.

Uma parte sombria e infeliz de mim insistiu para que eu continuasse.

— Afinal de contas, não precisamos mais um do outro. É com seu irmão que terei que negociar. Ou estou errada?

Lorian não tinha me explicado nada. Não tinha tentado falar comigo. Não tinha se dado o trabalho de *lutar* por mim. Eu tinha sido uma distração para ele. Um brinquedo. E quando chegássemos às terras feéricas, eu provavelmente continuaria encontrando-o enquanto negociava com seu irmão. Mesmo que cada minuto passado na presença de Lorian fosse o equivalente a ter alguém agarrando meu coração e apertando-o sem parar.

Telean se levantou devagar. Ela balançou a cabeça para nós dois e saiu porta afora.

O olhar de Lorian ficou feroz.

— Se você se aliar ao meu irmão, também estará se aliando a *mim*, gata selvagem.

Meu coração disparou. Se continuasse assim, eu nunca me livraria dele. Meu desespero aumentou, ficando espesso e amargo.

— Eles estão vindo! — gritou uma voz em pânico.

Lorian me lançou um olhar demorado que dizia que retomariamos a conversa mais tarde.

Encarei-o com desdém e saí da cabine em passos firmes, subindo até o convés.

Os marinheiros corriam e amarravam cordas, redirecionando o navio.

Havíamos partido em um navio mercante. Lorian se certificara de que a tripulação estivesse bem preparada, e havíamos saído sob o véu da escuridão assim que deixamos os portões da cidade. Qualquer um que poderia nos impedir já estava morto. Mas o navio que se aproximava de nós... era uma obra-prima da engenharia.

O ar ficou suspenso nos meus pulmões quando o observei cortar as ondas, firme e inevitável, vindo em nossa direção. O casco do navio, feito

do que parecia ser carvalho escuro e envelhecido, era intrincadamente esculpido com bestas míticas. Semicerrei os olhos, mas não consegui distinguir muito mais do que algumas criaturas aladas que pareciam voar enquanto o navio balançava para cima e para baixo com as ondas.

No topo dos três mastros imponentes, enormes velas quadradas ondulavam.

Era um navio de guerra. Minha mente se acelerou. Lorian poderia destruir o navio inteiro, mas quem sabia quantos outros seriam enviados em resposta?

Eu podia congelar o tempo, mas não podia mantê-lo assim indefinidamente.

— Quem mais tem poder neste navio? — perguntei a Lorian enquanto ele se aproximava de mim.

— A tripulação tem pequenas frações de poderes diferentes, a maioria dos quais foi tomada por Regner. Pelo que sei, o poder da sua tia é defensivo.

Acenei com a cabeça.

— Minha tia pode lançar um escudo. Mas Regner tomou a maior parte de seu poder quando a rainha o convenceu a poupar sua vida. Ele ordenou que ela fosse drenada continuamente a cada poucos meses depois disso.

Náusea me invadiu ao pensar em como era a vida de Telean naquele castelo.

Minha boca ficou seca quando o navio de guerra se aproximou. Se Galon e os outros estivessem aqui, essa conversa teria sido diferente. Mas Lorian os havia deixado para trás para que levassem os híbridos, o meu povo, para um lugar seguro.

Eu sabia pouco sobre navios. Apenas sabia que o navio de guerra fora projetado para ser veloz e manobrável, com um casco longo e estreito que cortava a água diretamente em nossa direção. Não havia emblemas em suas bandeiras.

— O que é aquilo? Na frente do navio?

— Um aríete — respondeu Lorian. — Para afundar embarcações inimigas.

Pisquei e me vi de volta no rio, com o frio sugando a energia dos meus ossos e meus pulmões gritando por ar enquanto a água se fechava sobre minha cabeça repetidas vezes.

Lorian me observava, provavelmente vendo mais do que eu queria. Como sempre.

*Toda vez que eu acho que você está prestes a deixar de ser um ratinho assustado e realmente revelar a mulher que eu acredito que é, você prova que estou errado. Bom, querida, não temos tempo para suas dúvidas e inseguranças.*

— Descobriremos o que eles querem — afirmei com os lábios dormentes. — E, se atacarem, faremos deles um exemplo.

O olhar de Lorian brilhou com uma nuance de aprovação, mas eu ignorei e voltei o meu para o navio ao longe.

Agora era só esperar e ver se quem estava no navio tentaria nos matar ou se gostaria de conversar.

\*\*\*

## LORIAN

**PRISCA OBSERVAVA O NAVIO DE GUERRA SE APROXIMAR. E EU A OBSERVAVA.**

Seu rosto estava pálido, com olheiras bem marcadas sob os olhos. Era evidente que estava profundamente infeliz. E essa infelicidade fazia eu me contorcer por dentro.

Tudo o que eu tinha feito fora necessário. Não me arrependia de nada, exceto do fato de que ela agora me olhava como se eu fosse perigoso para ela. Não para seu corpo físico, mas para seu coração. Sua paz de espírito.

Prisca estava sozinha. Ah, ela tinha a tia, e as duas haviam ficado incrivelmente próximas. Mas, muitas vezes, a tia precisava tirar um cochilo, e Prisca ficava sentada no convés, encarando o mar, distante de todos.

A tripulação estava fascinada, mas desconfiada da herdeira híbrida, e sussurros a seguiam pelo navio. Como ela se recusava a falar comigo além do mínimo necessário, estava irremediável e dolorosamente só.

Eu conhecia essa solidão. Havia passado a maior parte da minha infância perdido nela. A gata selvagem não só estava sozinha, mas também teria que assumir um papel que nunca quisera.

Eu não desejava que ela se sentisse solitária como eu havia me sentido.

A solidão era capaz de engolir qualquer um até que a pessoa não sentisse nada além de tristeza e raiva. E eu me recusava a deixar que isso acontecesse com a Prisca.

Eu era responsável por essa solidão. Por mais que estivesse seguindo ordens, *eu* era diretamente responsável pela tristeza cansada em seus olhos.

Ela se virou, provavelmente sentindo meu olhar.

— O que foi?

— Estive pensando no que você disse. Sobre querer ir diretamente para o acampamento híbrido. Sobre ver sua família, seus amigos...

Ela piscou.

— E?

— Há duas maneiras de chegar ao acampamento: por mar ou por terra.

Os olhos de Prisca se iluminaram, e algo despertou em meu peito. Mesmo com tudo o que havia entre nós, eu faria quase qualquer coisa para ver esperança em seus olhos.

— O que você está dizendo? — perguntou ela, com a voz baixa.

— É possível visitar o acampamento híbrido primeiro e meu irmão depois.

— Como?

— Tenho minhas suspeitas sobre quem é o proprietário deste navio. — Indiquei com a cabeça o navio de guerra que se aproximava. — E se eu estiver certo, temos margem de negociação. Precisaríamos viajar para oeste através da Gromalia para chegar ao acampamento dos híbridos. Isso significará longos dias de viagem a cavalo. Os híbridos que ainda estiverem muito fracos para viajar precisarão ficar no navio e seguir para Aranthon, onde poderão se recuperar. Sua tia também precisará ficar no navio, e você a encontrará lá.

— Por que você faria isso?

Porque eu estava cansado de ver as sombras sob seus olhos. Cansado de ver minha gata selvagem ficar deprimida e retraída. Eu queria vê-la sorrir apenas uma vez, mesmo que ela nunca mais sorrisse para mim.

— Acho que você não está pronta para essa conversa — respondi. — Você acha?

Ela engoliu em seco.

— E seu irmão?

Eu apenas ergui a sobrancelha.

— Você realmente se importa com meu relacionamento com ele?

Ela balançou a cabeça, com os lábios tremendo como se fosse sorrir. Observei sua boca com avidez, desesperado por algum indício de que ela estava ali, sob a depressão que a envolvia como um cobertor.

Sua boca se firmou.

— Não — respondeu ela, voltando o olhar para o navio de guerra.

Observei-o se aproximar, com nossa tripulação a postos.

Meu irmão não havia ordenado especificamente que eu viajasse direto para a capital feérica. Ah, eu sabia que ele ficaria descontente. Sabia que ele encontraria uma maneira de me punir. Mas eu tinha dois motivos para fazer essa pequena viagem.

Primeiro, eu queria que Prisca se separasse da tia. Queria que ela tomasse as próprias decisões, sem ser influenciada e detida. Eu havia escutado algumas de suas lições, e a mente inteligente de Prisca havia absorvido a história e as informações de Telean como uma esponja. Mas a tia tinha ideias claras sobre quem e o que ela queria que Prisca fosse.

Eu só queria que ela fosse minha.

Isso me levava ao meu segundo ponto.

Eu teria acesso irrestrito à Prisca enquanto viajássemos juntos. Ela seria *forçada* a lidar comigo. Da mesma forma que teve que fazer quando fomos para a cidade. Mas a maior parte daquela viagem tinha envolvido uma tentativa de ignorá-la ou de fazer com que ela usasse sua magia.

No castelo, fomos dominados por tarefas individuais. Todo o tempo que passávamos juntos tinha sido roubado de alguma forma.

Era minha chance de aprender o que Prisca gostava. As pequenas coisas que a deixavam feliz. Seus hábitos. Como ela relaxava.

Em meus momentos mais sombrios, quando eu sentia mais falta dela, mesmo quando ela estava sentada ao meu lado, eu listava o que eu sabia. E me perguntava se esses pequenos detalhes seriam suficientes para me sossegar pelo resto da vida.

Eu sabia que ela adorava valeo, e que a doçura da fruta a fazia lembrar do pai. Sabia que gostava de tomar banho quente até a água esfriar e sua pele ficar enrugada. Sabia que era uma das pessoas mais leais que eu já conheci. Sabia que era astuta e esperta, e que faria qualquer coisa pelas pessoas que amava.

Como seria ser uma dessas pessoas?

Isso não aconteceria. Mas se as próximas semanas fossem as últimas que passaríamos juntos, então eu faria com que elas valessem a pena.

# 3



## PRISCA

EM POUCOS MINUTOS, O NAVIO DE GUERRA CHEGOU PERTO O SUFICIENTE para que eu pudesse ver a tripulação e o capitão: um homem surpreendentemente pequeno, com a mão erguida para proteger os olhos do sol.

Telean se aproximou de mim.

— Eu ouvi sua conversa — disse, apertando minhas duas mãos. — Você precisa estar com o seu povo. Eles precisam te ver.

Meu estômago se remexeu desconfortavelmente ao pensar nisso. Mas eu não queria ir sozinha. Não podia mais confiar em Lorian, e queria conversar com os outros antes de ver o rei feérico ou o rei gromaliano.

No momento, eu não sabia o que fazer. Ignorante. Se quisesse ajudar os híbridos, não poderia continuar assim.

O navio de guerra se aproximou do nosso. Uma escada de corda foi pendurada na lateral para que eles pudessem embarcar. As palmas das minhas mãos ficaram úmidas de suor.

Nossa tripulação estava armada com espadas e facas, e a maioria esperava no convés. Vários seguravam suas armas como se soubessem o que estavam fazendo. Mas a maioria tremia e observava Lorian como se ele fosse a única esperança.

O primeiro homem emergiu pela escada de corda, revelando primeiro uma mão de pele marrom enquanto se içava. Sua barba estava bem aparada, e os olhos escuros bem abertos e solenes quando ele nos fez uma reverência graciosa. Depois se virou e estendeu a mão.

Meus pulmões ardiam por eu estar prendendo a respiração e, mesmo assim, eu não conseguia soltá-la.

A mão que se juntou à dele era pequena e feminina. Ele ergueu a mulher como os homens faziam quando a consideravam preciosa. A cabeça dela

surgiu acima da amurada do navio, e Lorian pareceu relaxar ao meu lado. Ficou claro que era exatamente quem ele esperava.

Eu ainda achava cedo para julgar.

Pequena e magra, ela pulou para o convés. Seus olhos escuros me cativaram. Os cabelos pretos e brilhantes estavam presos em uma longa trança, e sua pele tinha o mesmo tom marrom da do homem que agora soltava sua mão.

— Capitã Daharak Rostamir — disse Lorian, e ela sorriu para ele. Seu sorriso era perverso, cheio de satisfação. Lorian não fez questão de sorrir de volta.

— O Príncipe Sanguinário em toda a sua glória — disse ela melodicamente, depois voltou sua atenção para mim. Eu me forcei a encará-la, e seus olhos se aguçaram. — E você deve ser Nelayra Valderyn.

— Pode me chamar de Prisca — orientei.

— Bem, talvez eu precise da Nelayra, a herdeira híbrida. Na verdade, acredito que podemos nos ajudar mutuamente. Mas Prisca, a aldeã? Ela é inútil para mim.

Meu estômago revirou. Ela sabia demais sobre mim. E como eu não sabia absolutamente nada sobre ela, o tom astuto que ela usou me fez apertar os dentes.

— Fala, Daharak — pediu Lorian.

A rainha pirata olhou para a nossa tripulação, que ainda a encarava como se ela fosse nos matar a qualquer momento.

— Precisamos de privacidade — Daharak se dirigiu a mim. — Meus homens ficarão em nosso navio. E você pode manter o Príncipe Sanguinário ao seu lado durante a nossa conversa.

Ela estava me testando, e eu abri um sorriso lento.

Puxei meu poder em minha direção, e o tempo parou. Aproximando-me um pouco mais, soltei os fios do poder. Era um truque que eu já havia usado e que nunca falhava em perturbar minha vítima.

As sobrancelhas de Daharak se ergueram. O homem ao seu lado rosnou, mudando instantaneamente de uma sombra educada para uma verdadeira ameaça. Daharak ergueu a mão, detendo seu avanço.

— Estava me perguntando... — começou ela. Seus olhos dançaram quando encontraram os meus. — Sim, acredito que podemos ser de grande ajuda uma para a outra, Vossa Majestade.

Foi a primeira vez que alguém, além de Telean, se referiu a mim dessa forma. Precisei reunir todas as minhas forças para manter a expressão cuidadosamente neutra.

— Chega! — disse Lorian, com a voz desprovida de emoção. — Vamos conversar no convés inferior.

Virei-me e encontrei minha tia me observando, com os olhos brilhando. Daharak murmurou algo para o homem ao seu lado, que estava claramente insatisfeito com a ideia, então fui até Telean, que se inclinou para perto de mim.

— Daharak Rostamir — sussurrou ela, tão baixinho que mal pude ouvi-la. — Rainha pirata. Ela comanda oitenta mil homens e dois mil navios e opera sob um código de conduta rigoroso, ao qual seus piratas aderem. Eles têm regras sobre como tratar os prisioneiros. As mulheres geralmente são libertadas sem resgate, e os outros prisioneiros são tratados com respeito. O saque é distribuído igualmente entre seus piratas, que seguem uma cadeia de comando clara dentro da frota. Ela é justa e honrada, mas também é cruel quando pressionada, Nelayra. Os membros da tripulação que quebram as regras, violam a confiança dos outros ou agem de forma traiçoeira são açoitados, mutilados, abandonados em ilhas desertas e executados. Ela se tornou uma força tão impressionante que nem o rei da Gromalia nem o de Eprotha sabem o que fazer com ela. Ela é uma mulher perigosa que ataca navios mercantes, pede o resgate de pessoas importantes e contrabandeia mercadorias ilegais.

— Não se esqueça — disse Daharak atrás de nós — de que eu ainda consigo atrair olhares enquanto faço isso.

Que os deuses nos ajudem se Daharak e Madinia se encontrarem.

Daharak lançou um olhar intenso a Lorian e veio em nossa direção com um andar confiante. Pela distância em que estava, ela não deveria ter sido capaz de ouvir nossa conversa.

Esse tipo de poder teria feito dela uma excelente espiã em sua juventude. Teríamos que tomar muito cuidado com o que disséssemos em sua presença.

Lembrando das palavras de Telean, observei Daharak. Eu deveria ter sentido uma forte antipatia por ela. Daharak era uma criminoso perigosa, afinal. Mas algo em sua honestidade descarada e no sorriso malicioso me fez querer ao menos ouvi-la.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um reino tão vazio e condenado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).